

A LEITURA DE MUNDO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

THE WORLD IN THE PROCESS OF READING LITERACY AND LITERACY

Eliani Aparecida Busnardo Buemo¹
Juliany Mazerá Fraga²
Junior Cesar Mota³

RESUMO: O estudo possui como escopo analisar como se dá o processo de alfabetização e letramento, verificando se há um desvelamento crítico da realidade a partir da leitura de mundo e se ela é trabalhada paralelamente com a aquisição da escrita e da linguagem. Os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa a definem como pesquisa bibliográfica e de campo. A observação e a coleta de dados são indispensáveis para que análises sejam realizadas e possibilitam um estudo mais detalhado e preciso do tema abordado. Os resultados obtidos permitem perceber que a alfabetização está tendo prioridade maior do que o letramento e que muitas metodologias ainda estão baseadas em concepções remotas de ensino. Permitem perceber também que as crianças não são estimuladas a pensar e que estão acostumadas a receberem respostas prontas e direcionamentos que não as estimulam a elaborar argumentos críticos e autônomos.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Leitura de mundo.

ABSTRACT: *The study has as scope to analyze how is the process of literacy, ensuring that there is a critical unveiling of reality from the world reading this and is worked in parallel with the acquisition of writing and language. The methodological procedures that guided the research define it as literature and field Observation and data collection are indispensable so that analyses are performed and enable a more detailed and accurate study of the issue. The results obtained allow us to realize that literacy is having higher priority than literacy and many methods are still based on remote teaching conceptions. It also allow to realize that children are not encouraged to think and they are used to receiving prompt answers and directions that do not stimulate them to develop critical and autonomous arguments.*

KEYWORDS: *Literacy. Literacy. Reading world.*

1 INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização não se dá pelo fato de codificar e decodificar as palavras. Para Freire (1994), alfabetização é um processo de conscientização que permite ao indivíduo, por meio da leitura do mundo e da palavra, ir transformando seu senso comum em consciência crítica e libertadora.

Soares (2002, p. 39-40) busca salientar uma notável distinção entre os termos alfabetização e letramento, nesse sentido, afirma que:

[...] a grande diferença entre *alfabetização* e *letramento*, entre *alfabetizado* e *letrado* [...]: um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo

1 Pedagoga. Mestra em Educação (UNICENTRO). E-mail: eliabb@unifebe.edu.br

2 Pedagoga (UNIFEBE). Licenciada em Educação Física (UFS). E-mail: julymf_sjb@hotmail.com

3 Pedagogo. Especialista em Psicopedagogia Institucional (UNC). E-mail: profjuninhosjb@gmail.com

letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, não é só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Inseridos em uma sociedade totalmente globalizada, em que as informações são transmitidas por diferentes recursos tecnológicos e não apenas por palavras, é indispensável que os sujeitos sejam letrados, a fim de que possam exercer as práticas sociais de leitura e escrita.

O educador tem uma fundamental importância ao estabelecer estratégias de ensino que favoreçam a estimulação da criticidade no processo de alfabetização e letramento. Para que esse processo não resulte em algo mecânico, ele deve acontecer de tal maneira que permita aos educandos estabelecerem conexões entre o que está sendo aprendido e o contexto social em que estão inseridos.

Ao falarmos em alfabetizar crianças e adultos no Brasil, podemos nos referir a práticas diversas de ensino da leitura e da escrita, desde aquelas vinculadas ao ensino de letras, sílabas e palavras com base em métodos sintéticos ou analíticos e que usam textos cartilhados, até as que buscam inserir os alunos em práticas sociais de leitura e escrita. (ALBUQUERQUE, 2012, p. 06).

A didática em do professor alfabetizador deve sempre visar a estimulação do raciocínio dos educandos, não permitindo que eles se acomodem com respostas preestabelecidas, mas sim que busquem soluções para sanar suas necessidades.

Vygotsky [...] “quando fala em interação social está se referindo a ações partilhadas, ou seja, a processos cognitivos realizados não por um único sujeito e sim por vários.” (1994, p.146).

Ao partir desse pressuposto, as atividades e dinâmicas a serem realizadas devem buscar sempre estabelecer interações entre as partes envolvidas (professores, alunos e crianças). Quando há mediação do educador no processo de ensino-aprendizagem, o aprendiz se sente mais seguro para desenvolver suas habilidades cognitivas e/ou motoras.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo do ponto de vista dos objetivos da pesquisa.

A pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises. Um estudo de caso busca compreender a dinâmica dos processos constitutivos, envolvendo um diálogo do pesquisador com a realidade estudada. Ainda segundo este autor, as etapas que compõem a pesquisa de campo são: pesquisa bibliográfica, determinação de técnicas de coleta, registro e análise dos dados. (RUIZ, 1993, p. 48).

Os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa a definem como pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007).

Dentre os principais recursos técnicos utilizados com o objetivo de reunir dados pertinentes ao problema investigado, foi o uso da observação e práticas pedagógicas, desenhadas com o objetivo de levantar características, práticas cotidianas e coleta de dados para que se pudesse chegar a um resultado final. O processo de análise e interpretação das informações coletadas aconteceu logo após a coleta dos dados.

3 RESULTADOS

As atividades que foram propostas para a aplicação em sala de aula tanto para a educação infantil quanto para os anos iniciais do ensino fundamental, tiveram como principal objetivo permitir que as crianças entrassem em contato com o mundo letrado de forma lúdica e prazerosa, estimulando-as a buscar sempre mais. Pudemos perceber que o público infantil com o qual realizamos o estágio sentiu prazer em efetuar as atividades, demonstrando grande interesse pelas letras e ilustrações que lhes foram apresentadas.

Primeiramente, houve a aplicação de todas as atividades planejadas, mas apenas as que percebemos certo grau de dificuldade e as que se destacaram, tendo bons resultados por parte do alunado é que escolhemos para a reaplicação.

Educação infantil: na realização do jogo “Twister”, fomos pegos de surpresa no momento da atividade, pois notamos que o jogo havia sido construído de maneira errada. Explicamos o jogo, reformulando as regras para que as crianças pudessem jogar. A atividade se tornou mais complicada, porém todos participaram, já que o objetivo era ver até que ponto as crianças conseguiam se contorcer, trabalhando sua motricidade. Tendo isso em vista, refizemos o Twister, de modo a distribuir os animais e os números de maneira correta. A atividade foi um sucesso. Todos se envolveram de maneira muito prazerosa, repetimos o jogo duas vezes.

Com a atividade “Encaixe Ambiental”, não encontramos dificuldade em nenhuma das turmas. Percebemos que mesmo sem o domínio da leitura e da escrita, as crianças juntaram as peças silábicas, montando as palavras propostas. Notamos que todos reconheceram letras, porém dessa vez as crianças tiveram maior conhecimento, realizando pequenas leituras.

Reaplicamos também a prática da contação de histórias, seguida de interpretação por meio do desenho, tendo em vista que ele também é uma forma de escrita. Obtivemos êxito nos dois momentos (durante a aplicação e a análise). O desenhar cumpre certa função a respeito do escrever e do ler. O desenho não fica totalmente excluído do que “é para ler” e funciona como um complemento da história contada e da imaginação da criança. (FERREIRO, TEBEROSKY, 1991).

Ensino fundamental: No primeiro plano de ação, propomos atividades que trabalhassem o calendário, organização e noção de tempo. Ficamos surpresos com o conhecimento que os alunos tinham sobre o assunto. Quase todos sabiam a quantidade de meses do ano e os dias da semana. Os resultados foram bastante positivos, dentre os alunos, apenas uma minoria não soube realizar as atividades. A todo o momento procurávamos auxiliá-los, dando prioridade aos que apresentavam maiores dificuldades. Ao final, o objetivo foi cumprido e ficamos muito satisfeitos.

Outra atividade que tivemos bons resultados por parte dos alunos tanto na aplicação quanto na reaplicação, foi a realização de leituras de imagens. Selecionamos figuras comuns do cotidiano e expomos na lousa para que todos pudessem observá-las ao mesmo tempo. Debates sobre elas e seus devidos significados com o grande grupo. Posteriormente, entregamos as mesmas imagens, dessa vez em miniaturas, para que os alunos realizassem a colagem em uma folha A4 e elaborassem orações sobre elas. Com isso, pedimos para que alguns alunos fossem até a lousa para registrarem suas orações e comentar a respeito ao grupo. O objetivo foi alcançado, pois todos realizaram o que havia sido proposto dentro do contexto e sem grandes complicações.

Uma das atividades que a turma encontrou mais dificuldades durante a etapa de reaplicação do estágio, foi a resolução de problemas matemáticos, envolvendo mais de uma operação. Notamos que os alunos não conseguiram interpretar o problema, não paravam para

refletir sobre ele e perguntavam frequentemente quais operações deveriam utilizar para chegar ao resultado. Com isso, percebemos que eles não são estimulados a pensar, estão acostumados com situações em que as respostas são oferecidas facilmente. Na aplicação do estágio, enquanto a turma estava no segundo ano, os alunos não tiveram dificuldades na resolução de problemas matemáticos, pois eles envolviam apenas uma operação: a adição ou a subtração.

Ao término do estágio foi perceptível o envolvimento da turma tanto no momento da aplicação quanto na reaplicação das atividades, a participação de todos, assim como o bom comportamento e respeito entre os mesmos. Pudemos analisar que as poucas dificuldades encontradas no ano anterior com a mesma turma, agora puderam ser superadas, o que foi muito significativo para nosso trabalho como futuros professores.

4 DISCUSSÃO

Para discutir sobre as contribuições da leitura de mundo no processo de alfabetização e letramento, é fundamental clarear a concepção que se tem a respeito desses três termos.

A alfabetização, o letramento e a leitura de mundo são temas que estão interligados, cada um apresentando suas definições e peculiaridades diferentes; porém, devem se fazer presentes no cotidiano de professores, crianças e alunos das mais variadas faixas etárias.

[...] alfabetização é aqui entendida como o processo de aquisição da língua escrita, isto é, de aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita. [...] o termo alfabetização não ultrapassa o significado de processo de aquisição do alfabeto, ou seja, de aprendizagem da língua escrita, das habilidades de ler e escrever [...] É preciso explicitar que, ao assumir o conceito de alfabetização como processo de aquisição da língua escrita, não se exclui os usos e funções sociais da leitura e da escrita, em que estão inseridos os alfabetizadores e alfabetizados. (SOARES, MACIEL, 2000, p.15).

O termo alfabetização é basicamente utilizado quando nos referimos ao ato de ler e escrever; todavia, se estudarmos a fundo encontraremos inúmeras diferenciações significativas entre teoria e prática.

Emilia Ferreiro, a partir de seus estudos, criou os níveis da alfabetização, com o intuito de observar o que realmente a criança sabe, pondo no papel a sua interpretação a respeito do aprendido, deixando-a livre para escrever as palavras do modo em que considera correto.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1991), há cinco níveis linguísticos pelos quais as crianças passam durante o processo de alfabetização. São eles: pré-silábico, silábico sem valor sonoro, silábico com valor sonoro, alfabético fonográfico, alfabético ortográfico.

No pré-silábico, Ferreiro e Teberosky (1991, p.183) apontam que “neste nível, escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica de escrita”. O ato de escrever se caracteriza em um aglomerado de curvas, desenhos, letras e números, os quais a criança está em contato nas suas experiências.

Diferentemente do nível anterior o qual a silabação não era uma característica própria, no nível silábico sem valor sonoro a criança representa o que ouve com a quantidade certa de sílabas, porém sem relacionar com a representação gráfica.

O terceiro “[...] nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita”. (FERREIRO, TEBEROSKY, 1991, p.193).

Nesta etapa da alfabetização, a criança já faz relações tanto com a quantidade de sílabas da palavra escrita, quanto com o som da mesma, utilizando-se, quase sempre, primeiramente das vogais que contém na palavra.

A passagem do nível silábico com valor sonoro para o alfabético fonográfico se dá a partir do momento em que “[...] a criança [...] descobre a necessidade de fazer uma análise que

vá “mais além” da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias [...]” (FERREIRO, TEBEROSKY, 1991, p. 196). A leitura começa a desabrochar e há uma preocupação da criança em ler o que ela mesma escreve e o que os outros escrevem. Esses dois fatores também são essenciais para que o nível silábico com valor sonoro dê espaço à outra etapa alfabetizadora. (GROSSI, 1990).

O nível alfabético ortográfico constitui o final da evolução do processo de alfabetização. Os erros referentes aos padrões da escrita são menos visíveis e há preocupação maior em conseguir ler o que se escreve. A criança agora já compreende que:

[...] cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. [...] a partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia [...]. (FERREIRO, TEBEROSKY, 1991, p.213).

Nesta etapa da alfabetização, os alfabetizandos compreendem de fato que a escrita possui uma função social que vai muito além do simples fato de apenas escrever letras, sílabas e/ou palavras.

O letramento enfatiza mais a interpretação, ou seja, o entendimento dos educandos àquilo que está lendo ou escrevendo.

“Letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive.” (SOARES, 2000, p.3). O letramento também pode ser conceituado “[...] como um conjunto de práticas sociais que usam a leitura e a escrita em eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita”. (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Ao designar letramento, tem-se em vista o contato do indivíduo com o mundo letrado, abrangendo aqui não apenas o fato deste ter o domínio da leitura e da escrita mas de possuir interação com ambas em sua vida cotidiana.

A alfabetização e o letramento devem caminhar juntos, pois um depende do outro para se efetivar. O profissional educador, quando trabalhar com alfabetizandos, tem de oportunizá-los ao dinamismo das práticas dialógicas para que entrem em contato com o letramento, ou seja, o professor deve “levar” seus alunos a não ficarem na mera codificação e decodificação das palavras, mas a terem o conhecimento necessário para fazer uso dessas quando dialoga com outras pessoas.

Em nosso trabalho também buscamos esclarecer um pouco sobre o que diz respeito à leitura de mundo, em que um dos principais teóricos a respeito dela foi Paulo Freire. A leitura de mundo deve acompanhar a alfabetização e o letramento, visto que um complementa o outro e faz que o indivíduo, assim, alfabetizado, possa entender de fato as circunstâncias que o rodeiam.

A leitura na vida do ser humano possui um valor muito significativo. A cada dia ela vem se tornando mais fundamental para a execução das tarefas cotidianas de adultos e crianças que possuem o domínio desta quase obrigatoriedade no mundo atual.

Segundo Freire (1991, p. 11-12).

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Desse modo, pode-se ressaltar que o convívio desde a mais tenra idade com o mundo da escrita é o que Paulo Freire chama de “leitura de mundo” que nada mais é do que o próprio letramento. Antes de se aprender a ler de fato, tem-se que entender o mundo em que se vive, suas cores, seus sabores, as pessoas que o compõe, para que a partir dessas compreensões o aprendiz possa ver significados para sua futura leitura textual.

Todos estão rodeados de “leituras do mundo”, estas “leituras” podem ser agradáveis ou não, significativas ou não, prazerosas ou não, dependendo do contexto de vida que cada um está inserido. O que vale aqui é ressaltar a importância destas na vida dos seres humanos. Suas interpretações são essenciais tanto para a vida cotidiana, quanto para a vida escolar. No cotidiano, a maioria das pessoas está apta a conviver com ela, porém, poucas têm conhecimento da sua importância dentro do âmbito da escola. Devido a isso, os profissionais educadores devem sempre estar estimulando seus educandos ao saber mais e, o mais importante de tudo, estar convidando-os a pensar a respeito de suas atitudes e valores diante a sociedade a qual fazem parte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alfabetizar e letrar estimulando a leitura de mundo são indispensáveis na formação de cidadãos críticos e autônomos, capazes de elaborar argumentos eficazes e coerentes para conviver com os diversos desafios cotidianos encontrados na sociedade em que estão inseridos. Saber apenas ler e escrever não é suficiente para usufruir da diversidade que o mundo oferece. Muito mais que isso, é necessária a interpretação e a capacidade de realizar a leitura daquilo que nos rodeia.

O professor alfabetizador deve ter a consciência de que alfabetização, letramento e leitura de mundo são interdependentes. Dessa forma, deve criar situações nas quais crianças e alunos possam fazer uma conexão com seu mundo interior, para instigar a curiosidade, conduzindo-os a questionarem e responderem suas próprias dúvidas por meio de pesquisas, debates e entrevistas.

O presente trabalho teve por objetivo analisar como os processos de alfabetização e letramento acontecem e se há uma preocupação em estimular a leitura de mundo dos sujeitos, fazendo-os pensar. Essa análise resultou da aplicação de atividades de cunho pedagógico por meio da atuação no campo de estágio.

Ao ponderar os resultados obtidos, percebeu-se que a alfabetização está tendo prioridade maior do que o letramento e que muitas metodologias ainda estão baseadas em concepções remotas de ensino.

Durante a aplicação do estágio, deparamo-nos com diversas crianças e alunos que não conseguiam interpretar o mundo ao seu redor e até mesmo da escrita e leitura que os próprios realizaram. Percebeu-se que não são estimulados a pensar e que estão acostumados a receber respostas prontas e direcionamentos que não os estimulam a elaborar argumentos críticos e autônomos. Tudo acontece de forma automática e repetitiva. Ao observar essa questão, preocupamo-nos em instigar a curiosidade e o desejo de questionar, de encontrar respostas em vez de recebê-las prontas.

Com tudo isso, analisou-se que os educadores devem utilizar-se de metodologias alfabetizadoras que permitam às crianças e alunos estabelecerem conexões entre as suas aprendizagens escolares e a realidade social em que estão inseridas. Dessa maneira, será possível aprender a ler e escrever, realizando interpretações e críticas do mundo que os rodeia.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Currículo no ciclo de alfabetização: princípios gerais**. Brasília, 2012.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, 2007.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1991. 80 p.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática do nível Silábico – Didática da Alfabetização**, vol. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

KLEIMAN, Angela & SIGNORINI, Inês (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas - SP: Mercado das Letras, 1995. 295 p.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica**: guia para eficiência nos estudos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Magda. MACIEL, Francisca. **Alfabetização**. Brasília: MEC/INEP/ Comped, 2000.

VYGOTSKY, L. S.. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.